

O papel da consistência ideal-percepção no bem-estar subjetivo em relacionamentos íntimos

Daniela Zanotti da Silva
Carlos Américo Alves Pereira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Baseando-se na teoria das discrepâncias múltiplas de Michalos e, indiretamente, na teoria da troca de Thibaut e Kelley, a presente pesquisa teve como objetivo investigar, no meio brasileiro, uma hipótese que pode ser derivada destas teorias, a saber, a de que o bem-estar em relacionamentos íntimos depende em grande parte da comparação das características do parceiro corrente com as características que se imagina em um parceiro ideal (consistência ideal-percepção). Para tanto, a investigação foi dividida em duas partes, a primeira das quais, realizada com 63 universitários de ambos os sexos, consistiu no levantamento das características utilizadas para definir os parceiros ideais e atuais e a segunda, realizada com 123 universitárias, para testar a referida hipótese. Os resultados obtidos dão apoio à mesma: os participantes que apresentaram maior consistência ideal-percepção com relação a seu parceiro íntimo também apresentaram maior bem-estar em seu relacionamento.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo; consistência ideal-percepção; relacionamentos íntimos.

ABSTRACT

The role of ideal-perception consistency in the subjective well-being in intimate relationships

Based on the multiple discrepancies theory of Michalos and, indirectly, on the change theory of Thibaut & Kelley, the present research aimed to investigate, in the Brazilian milieu, a hypothesis derived from these theories, that the well-being with intimate relationships, in a great part, depends on the comparison between characteristics of the current partner and the characteristics that are desired in an ideal partner (ideal-perception consistency). For such, the research was divided in two parts, whose the first, made with 63 university students of both sex, consisted on the attainment of the characteristics used to define the current and the ideal partner and the second, made with 123 female university students, aimed to test the mentioned hypothesis. The results obtained give support to it: participants who had the greatest ideal-perception consistency in relation to their intimate partners also were the ones who had the greatest well-being in their relationships.

Key words: Subjective well-being; ideal-perception consistency; intimate relationships.

INTRODUÇÃO

A consistência, a congruência e o equilíbrio entre nossas cognições são fatores que receberam grande importância nas explicações em psicologia, sobretudo entre os autores da psicologia social que foram influenciados pela teoria gestaltista e neogestaltista. Estas teorias postulam uma tendência geral para o equilíbrio como principal fator explicativo em psicologia. Além de teorias clássicas em psicologia social como as apresentadas no “princípio do equilíbrio” de Heider, no “princípio da congruência” de Osgood e Tannenbaum

e na “teoria da dissonância cognitiva” de Festinger (Rodrigues, 1972), temos um representante mais recente desta tradição na “teoria das discrepâncias múltiplas” (MDT) de Michalos (1980; 1985). Segundo esta teoria, a experiência de bem-estar nos diversos domínios da vida depende em grande parte de comparações entre, por exemplo, o que se gostaria de ter e o que de fato se tem. Quanto mais congruentes são essas cognições, ou seja, quanto mais elas se aproximam, maior será o bem-estar experimentado no domínio ao qual elas dizem respeito e, inversamente, quanto mais discrepantes, menor o bem-estar. Com efeito, a teoria

considera múltiplas comparações, as quais por sua vez podem resultar em múltiplas discrepâncias caso os termos que estejam sendo comparados não se coadunem entre si. Assim, nós fazemos comparações não apenas entre o que temos e o que gostaríamos de ter, mas entre o que somos e gostaríamos de ser, entre o que já fomos e gostaríamos de ser, entre o que achamos que merecemos e o que de fato temos, dentre outras. Múltiplas discrepâncias podem surgir destas inúmeras comparações.

De fato, a teoria das discrepâncias múltiplas mostrou grande valor explicativo. Os pesquisadores da qualidade de vida, ao empregarem a teoria dos indicadores de discrepância puderam aumentar a variância explicada em pesquisas de bem-estar subjetivo de únicos ou poucos dígitos para quase 50% (Jacob e Brinkerhoff, 1997). Em seu artigo, Schulz (1995) fez uma comparação entre o valor explanatório (em termos da proporção da variância explicada) da teoria das discrepâncias múltiplas e o da teoria dos recursos (*resource theory*) – esta última referindo a satisfação e a felicidade às condições de vida. Schulz (1995) utilizou-se dos resultados de uma pesquisa realizada com 345 estudantes da Universidade de Viena, a qual selecionou quatro domínios da vida saúde, amizade, companhia de vida (*lifetime companion*) e educação. Estes domínios explicaram 32% da satisfação global, os mais importantes sendo amizade e companhia de vida. No que se refere à satisfação com o parceiro de vida, a teoria das discrepâncias múltiplas explicou 80% da variância neste domínio, sendo que duas variáveis relativas à teoria do recurso, quais sejam, a mera presença de um parceiro fixo e a intensidade da comunicação, explicaram aproximadamente 50% da satisfação com o mesmo. Nos demais domínios estudados, as variáveis do tipo “discrepância” também se sobressaíram significativamente às variáveis do tipo “recurso”. Segundo a conclusão de Schulz (1995): “É inquestionável que o modelo MDT pode explicar mais de 50% da variância, enquanto não se pode esperar o mesmo das variáveis de recurso ou das variáveis medidas objetivamente” (p. 166).

No que concerne ao domínio dos relacionamentos íntimos, pesquisas têm demonstrado a importância da consistência entre o que se imagina ser um parceiro ideal e o parceiro atual para o bem-estar nos relacionamentos íntimos. Ruvalo e Veroff (1997) e Flechter, Simpson e Thomas (2000), dentre outros pesquisadores, verificaram que a consistência entre a percepção que se tem do parceiro corrente e o que se considera um parceiro ideal, chamada pelos primeiros autores de consistência ideal-real e pelos últimos de consistência

ideal-percepção¹, está relacionada com a satisfação com a relação: quanto maior a consistência entre os atributos percebidos e os atributos ideais, maior a satisfação; quanto maior a inconsistência, maior a insatisfação.

Consistência ideal-percepção

Relações românticas tipicamente envolvem dois indivíduos de carne e osso: o eu e o outro. Os participantes de tais relações, no entanto, às vezes sentem a presença de dois outros indivíduos, evasivos, mas não menos intrusivos: o outro ideal de cada parceiro. (...) se, como é freqüentemente o caso, um ou outro distancia-se em aspectos significantes do outro ideal, os parceiros silenciosos para a relação aparecem, e possivelmente interferem na relação de diversas maneiras (Sternberg e Barnes, 1985, p.1586).

Inúmeras pesquisas têm estudado o papel dos ideais individuais de parceiro e de relacionamentos amorosos na avaliação dos parceiros e dos relacionamentos correntes. Segundo Flechter, Simpson, Thomas e Gilles (1999), há inúmeras razões pelas quais os ideais devem desempenhar um papel proeminente nos relacionamentos correntes. Primeiro, os relacionamentos são objetos constantes de teorização leiga e de trabalho cognitivo, tanto a nível individual, quanto a nível cultural. Segundo, é infinita a fonte da qual as pessoas podem extrair seus ideais: além da experiência pessoal e da observação dos relacionamentos de outras pessoas, os indivíduos entram diariamente em contato com um volume enorme de informações concernentes aos relacionamentos através de novelas, filmes, livros etc. Terceiro, os ideais são estruturas cognitivas apropriadas para servir como padrões contra os quais as percepções do parceiro e do relacionamento podem ser comparadas e conseqüentemente avaliadas. Quarto, os ideais são estruturas de conhecimento relativas a relacionamentos que se situam na interseção entre os domínios interdependentes do eu, do parceiro e do relacionamento, de forma tal que exercem influência considerável sobre as cognições e os comportamentos dos relacionamentos correntes.

¹ Usamos aqui esta segunda denominação por a considerarmos mais pertinente, uma vez que se trata da consistência entre o que uma pessoa imagina ser seu parceiro ideal e como ela *percebe* seu parceiro atual – como ela o percebe e não como ele realmente é, posto que é bem sabido que não temos conhecimento *imediato* das pessoas e mesmo dos objetos em geral, de tal modo que poderíamos saber como eles *realmente* são, mas apenas conhecimento *mediato*, através da percepção, sendo que esta mesma já envolve, em grande parte, processos cognitivos (e.g., Rodrigues, 1972).

Deste modo, poderíamos supor que os ideais funcionam como um padrão subjetivo que nos permitem avaliar a agradabilidade do que percebemos: quanto mais próximo de nossos ideais está aquilo que nós percebemos, nosso parceiro, por exemplo, mais felizes nos sentiremos com ele. Esta lógica não apenas está de acordo com a idéia de que a incongruência entre nossas cognições gera uma tensão que é experimentada como desprazer, como também é análoga àquela desenvolvida por Thibaut e Kelley (Rodrigues, 1972) em seu conceito de nível de comparação embora estes autores não façam referência explícita ao conceito de consistência. Com efeito, pesquisadores que verificaram uma correlação forte e positiva entre a consistência ideal-percepção e a satisfação com a relação, recorreram à teoria da troca social para explicar seus resultados (e.g., Sternberg e Barnes, 1985; Ruvolo e Veroff, 1997; Flechter et al., 2000).

A teoria da troca social de Thibaut e Kelley (Rodrigues, 1972) nos ensina que uma relação interpessoal será tanto mais agradável quanto maiores forem os benefícios obtidos com a relação, sendo também de grande importância a percepção da inexistência de parceiros alternativos que pudessem proporcionar melhores resultados. Segundo estes autores, os resultados obtidos em uma relação não têm valores absolutos: a pessoa os avalia como positivos ou negativos comparando-os com um padrão subjetivo que ela desenvolveu com base em suas experiências passadas, o chamado nível de comparação, acima do qual a relação será considerada satisfatória e abaixo do qual, insatisfatória. Neste último caso a pessoa só não será levada a romper a relação se ela perceber que as alternativas de que dispõe produzirão resultados ainda piores (ou seja, se os resultados de sua relação se situarem acima do chamado nível de comparação para alternativas).

Do mesmo modo, consideramos que as características pessoais não têm um valor em si, mas que elas serão agradáveis para algumas pessoas e desagradáveis para outras dependendo do que elas consideram ser ideal: não podemos de saída dizer quais características são desejáveis e quais são indesejáveis. Aquelas consideradas desejáveis são aquelas que se aproximam de nossos ideais e aquelas consideradas indesejáveis, as que deles se afastam. É verdade que Thibaut e Kelley (Rodrigues, 1972) não mencionam os ideais como constituintes do nível de comparação, mas podemos supor que a distância da realidade percebida com relação aos mesmos têm efeitos similares. Segundo Ruvolo e Veroff (1997):

Enquanto discrepâncias ideal-real envolvem ideais, que são diferentes das expectativas envolvidas em

um nível de comparação, os efeitos de ideais não preenchidos e de expectativas não realizadas (resultados que caem abaixo do nível de comparação) talvez sejam similares por duas razões. Primeiro, algumas vezes os ideais e as expectativas de um indivíduo para um parceiro são similares. Nós poderíamos argumentar que em alguns casos, os indivíduos talvez esperem plenamente que seus parceiros preencham seus ideais; particularmente nos primeiros meses de casamento os indivíduos podem ser idealistas, e os ideais e expectativas talvez sejam mais similares do que eles devem ser mais tarde no casamento. (...) Segundo, mesmo se os ideais e as expectativas dos indivíduos não são equivalentes, a violação de ambos deve ter resultados similares. Michalos (1986) sugeriu que a teoria da 'discrepância (gap) ideal-real' e a teoria da 'discrepância (gap) expectativa-realidade' são ambas exemplos de 'explicações teóricas do tipo discrepância' (gap-theoretical explanations), e que ambos tipos de discrepâncias têm efeitos similares. (...) Michalos (1980) acrescentou que a evidência que sustenta a ligação entre discrepâncias ideal-real e satisfação é ainda mais consistente e forte do que aquela que sustenta a ligação entre discrepâncias expectativa-real e satisfação (p. 225).

Além disso, em apoio ao papel da consistência ideal-percepção sobre a satisfação com o relacionamento, Murray e Holmes (1997) verificaram que ilusões positivas em relações românticas, tanto namoro quanto casamento, estão associadas com relacionamentos satisfatórios e estáveis. Aqueles indivíduos que são otimistas com relação ao futuro do relacionamento, que acreditam que têm controle sobre os acontecimentos e que percebem seu parceiro de forma idealizada, relatam grande satisfação com a relação. Inclusive o *follow-up* da amostra de namorados indicou que estas ilusões positivas são preditores de relacionamentos estáveis. Segundo os autores, casais de namorados satisfeitos ou de cônjuges satisfeitos projetam suas imagens de parceiro ideal sobre seus próprios parceiros, vendo-os da forma que eles desejariam que fossem (elevada consistência ideal-percepção), o que contribui para a satisfação com o relacionamento. De fato, a consistência ideal-percepção pode ser conseguida seja distorcendo-se a percepção para que ela se aproxime do ideal, seja modificando-se o ideal para que ele se aproxime do real (Fletcher et al., 2000). Murray e Holmes (1997), no entanto, apontam uma desdobramento "trágico": os indivíduos só começam a perceber os parceiros mais de forma mais realista

depois que as barreiras contra o rompimento aumentaram (por exemplo, a falta percebida de parceiros alternativos, filhos etc.).

Apresentação metodológica

Com o objetivo de verificar a relação entre consistência ideal-percepção e bem-estar no relacionamento íntimo, esta pesquisa foi dividida em duas etapas, os *Estudos 1 e 2*. O *Estudo 1* teve como objetivo fazer um levantamento das características que permitem definir tanto o parceiro ideal quanto o parceiro atual. Esta etapa foi um passo necessário para podermos elaborar uma escala, em forma preliminar, que nos permitisse obter um índice de discrepância entre as características do parceiro atual e do parceiro ideal. Nesta etapa também foi elaborada, em forma preliminar, uma escala para acessarmos a felicidade (bem-estar) experimentada pelas pessoas em seus relacionamentos íntimos. No *Estudo 2*, aplicamos as escalas para testarmos nossa hipótese de que quanto maior a consistência entre as características percebidas no parceiro atual e as características consideradas ideais em um parceiro, maior o bem-estar experimentado no relacionamento corrente. Convém salientar que mesmo esta segunda etapa da pesquisa deve ser considerada exploratória, uma vez que não realizamos uma análise fatorial comprobatória das escalas utilizadas. No entanto, foi verificada uma elevada consistência interna em todas as escalas.

ESTUDO 1

Investigação das características do(a) namorado(a) atual e do(a) namorado(a) ideal

MÉTODO

Participantes

Participaram deste primeiro estudo 63 estudantes de psicologia² de ambos os sexos, sendo 36 mulheres (57%) e 27 homens (43%), que estavam envolvidos em relacionamentos de namoro heterossexual. Em média, os participantes tinham 23 anos de idade e namoravam a 25 meses.

Instrumento

O formulário de pesquisa era constituído por um questionário, o qual solicitava aos participantes infor-

mações sobre seu namoro atual e namorado(a) atual e ideal. Como se tratou de um estudo exploratório, não analisamos todas as perguntas presentes no questionário. Para efeito deste estudo, utilizamo-nos apenas daquelas que diziam respeito às características do namorado ideal e do namorado atual (“Descreva o que para você seria o(a) namorado ideal” e “Pensando em seu/sua namorado(a), relacione aqueles acontecimentos, aspectos ou elementos que você julga gostar mais e que você julga gostar menos”).

Procedimentos

Após obtermos a permissão dos professores para aplicarmos o formulário de pesquisa às turmas, fez-se uma breve apresentação da pesquisa. Perguntou-se, então, quais dos presentes estavam envolvidos em namoros heterossexuais e ao mesmo tempo estariam dispostos a participar da pesquisa. Deixamos claro que apenas deveriam responder ao formulário aquelas pessoas que estavam namorando e não simplesmente saindo com alguém. Também não deveriam participar pessoas casadas. Pediu-se aos participantes potenciais que respondessem ao formulário de pesquisa. Foi solicitado que não conversassem com colegas enquanto respondiam ao formulário e que respondessem segundo a ordem de aparição das perguntas. Certificamos os participantes quanto ao anonimato da pesquisa, oralmente e na instrução contida no início do questionário, bem como quanto à ausência de respostas certas ou erradas, melhores ou piores, em uma tentativa de evitar respostas estereotipadas, guiadas apenas pela desejabilidade social³.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando apenas as perguntas do questionário que nos interessavam para efeito deste estudo, selecionamos aquelas características citadas mais frequentemente pelos participantes da pesquisa. A Tabela 1 apresenta a frequência das características citadas por no mínimo mais de cinco participantes ao descreverem o(a) namorado(a) ideal, das quais destacam-se carinhoso (33%), inteligente (30%), sincero/honesto/verdadeiro (27%), companheiro/amigo (24%), fiel (22%), atencioso/cuidadoso/dedicado (22%), compreensivo (22%) e apaixonado por mim/que me ame muito (17%).

² Estudantes dos cursos de psicologia da UFRJ, Estácio de Sá (Campus Méier) e IBMR (Campus Botafogo).

³ Segundo Edwards (1957 citado por Sellitz et al., 1975) as respostas das pessoas podem ser devidas não ao que elas realmente pensam ou sentem, mas ao que elas consideram “correto” socialmente.

TABELA 1
Características mais citadas referentes a
“namorado(a) ideal” (n = 63)

<i>Namorado(a) Ideal</i>	<i>F</i>	<i>%</i>
Carinhoso(a)	21	33
Inteligente	19	30
Sincero(a)/honesto(a)/verdadeiro(a)	17	27
Companheiro(a)/amigo(a)	15	24
Fiel	14	22
Atencioso(a)/cuidadoso(a)/dedicado(a)	14	22
Compreensivo(a)	14	22
Apaixonado(a)/que me ame muito	11	17
Romântico(a)	11	17
Bem-humorado(a)/divertido(a)	10	16
Bonito(a)/boa aparência	10	16
Educado(a)	10	16
Caloroso(a) sexualmente	6	9
Respeitador(a)	6	9
Boa condição financeira	5	8
Charmoso(a)/atraente	5	8

A Tabela 2 nos mostra a frequência das características citadas como mais apreciadas no(a) namorado(a) atual, as mais frequentes sendo carinhoso (52%), companheiro (30%), inteligente (25%), atencioso/cuidadoso (20%), bonito (19%), sincero/honesto (19%), desempenho sexual (17%).

TABELA 2
Características mais citadas referentes a “gosto mais em
meu/minha namorado(a) atual”(n = 63)

<i>Gosto mais em meu/minha namorado(a) atual</i>	<i>F</i>	<i>%</i>
Carinhoso(a)	33	52
Companheiro(a)	19	30
Inteligente	16	25
Atencioso(a)/cuidadoso(a)	13	20
Bonito(a)	12	19
Sincero(a)/honesto(a)	12	19
(com bom) Desempenho sexual	11	17
Apaixonado(a)/seu amor por mim	10	16
Fiel	10	16
Compreensivo(a)	9	14
Divertido(a)/senso de humor	7	11
Alegre/bem-humorado(a)	7	11
Simpático(a)	6	9
Trabalhador(a)/esforçado(a)	6	9
Tranquilo(a)/calmo(a)	5	8

A Tabela 3, por sua vez, apresenta as características menos apreciadas no(a) namorado(a) atual, que foram citadas com mais frequência, destacando-se os atributos ciumento (31%) e teimoso (18%).

TABELA 3
Características mais citadas referentes a “gosto menos em
meu/ minha namorado(a) atual” (n = 63)

<i>Gosto menos em meu/minha namorado(a) atual</i>	<i>F</i>	<i>%</i>
Ciumento(a)	17	27
Teimoso(a)	10	16
Desatento(a)/desligado(a)	4	6
Pouco romântico(a)	4	6
(suas) “Bobeiras”	4	6
(suas) Variações de humor	4	6
“Estourado(a)”/“explosivo(a)”	4	6

A partir destes resultados, estávamos de posse dos dados necessários para iniciar a segunda etapa da pesquisa. Seleccionamos, então, os atributos com frequência de citação maior do que cinco para “namorado(a) ideal” e para “gosto mais em meu/minha namorado(a) atual” e com frequência maior do que quatro para “gosto menos em meu/minha namorado(a) atual” (pois neste último caso, apenas duas características tiveram frequência maior do que quatro). Também foram selecionados aqueles atributos que, embora isoladamente em cada um desses três itens tivessem aparecido com frequência menor do que quatro, foram citados nos três itens ou em dois deles, totalizando uma frequência de citação maior do que cinco. Além disso, julgamos importante adicionar alguns itens que, por um motivo ou outro, não emergiram com frequência neste estudo, o que é justificado por alguns autores.(e.g., Osgood, May e Miron, 1975; Osgood, Suci e Tannenbaum, 1976; Pereira, 1986) Elaboramos, assim, uma lista de atributos que pudessem caracterizar tanto o namorado atual quanto o namorado ideal, uma vez que pretendíamos obter uma lista única para acessar ambos os domínios. Com efeito, as pesquisas sobre consistência ideal-percepção no domínio dos relacionamentos íntimos (e.g., Ruvolo e Veroff, 1997; Flechter et al., 1999) solicitavam aos participantes para caracterizarem o(a) parceiro(a) ideal e o(a) parceiro(a) atual segundo uma mesma lista, exibida duas vezes, mas com instruções diferentes. Tal procedimento também foi o adotado aqui.

ESTUDO 2

Investigação da relação entre consistência ideal-percepção e felicidade no namoro

MÉTODO

Participantes

Cento e trinta e três universitários, inscritos no curso de psicologia, participaram desta etapa da pesquisa⁴. No entanto, como obtivemos uma proporção significativamente diferente de homens e mulheres (23% e 77%, respectivamente) resolvemos trabalhar apenas com o seguimento feminino. Em média, as participantes tinham 22 anos, estavam namorando a, aproximadamente, 30 meses⁵ e encontravam-se com os namorados aproximadamente quatro dias por semana.

Procedimento

Nesta etapa foi repetido o procedimento do *Estudo 1*.

Instrumentos

Escalas sobre o(a) namorado(a) ideal e o(a) namorado(a) atual

Construímos, a partir dos dados coletados no *Estudo 1*, as Formas Preliminares das escalas sobre o(a) namorado(a) ideal e sobre o(a) namorado(a) atual, ambas com os mesmos 50 itens. Obviamente, pesquisas posteriores deverão realizar uma análise fatorial comprobatória da escala, tornando possível a seleção de características pertencentes a um mesmo fator que podem ser consideradas sinônimas e, assim, reduzir o tamanho da escala, até chegar a uma Forma Abreviada. Deste modo, a forma final da escala deverá ser compacta e ao mesmo tempo abranger todas as características importantes, o que inclusive tem a vantagem de ser menos cansativo para os respondentes. No entanto, como esta pesquisa, na verdade, é apenas a fase inicial de uma pesquisa mais abrangente em que isto será realizado, trabalhamos com a escala na forma preliminar.

Quanto à diferença entre as duas escalas, uma delas reside nas instruções. Optamos por nos basear naquelas utilizadas por Fletcher et al. (1999). No que se refere ao parceiro ideal, estes autores pediam aos participantes que indicassem o quanto cada uma das características era importante na descrição do que consideravam um parceiro ideal em um relacionamento íntimo (namoro, viver junto ou casamento). Já com

relação ao parceiro atual, eles pediam que os participantes indicassem o quanto cada uma das mesmas características descreviam apropriadamente o parceiro de seu relacionamento íntimo atual. Seguimos o mesmo tipo de instrução para as respectivas escalas, sendo que ao invés de usarmos a expressão genérica “parceiro em um relacionamento íntimo”, utilizamos o termo “namorado(a)”. Além disso, utilizamos escalas do diferencial semântico de sete intervalos (e.g., Osgood et al., 1975; Osgood et al., 1976; Pereira, 1986), que ia de extremamente importante a extremamente sem-importância, no caso da escala do(a) namorado(a) ideal, e de extremamente um adjetivo a extremamente o adjetivo oposto no caso da escala do(a) namorado(a) atual.

A escala do namorado ideal é constituída de 50 características positivas (as características negativas foram apresentadas sob a forma de negação, como, por exemplo, “não-ciumento”, “não-ansioso”, “não-possessivo”). Por sua vez, a escala do namorado atual é constituída das mesmas 50 características positivas, sendo que estas são apresentadas, sob a forma de diferencial semântico, juntamente com seu oposto. A ordem de aparição dos itens, em cada uma das escalas, foi sorteada ao acaso, tendo sido também selecionado ao acaso, especificamente nesta última escala, a ordem de apresentação da polaridade, a fim de evitar tendenciosidades na seleção das respostas. As respostas foram codificadas de 1 a 7, sempre do quantificador adverbial do qualificativo-adjetivo negativo ao seu oposto positivo.

Escala de avaliação do bem-estar no namoro atual

Elaboramos uma escala para acessarmos o bem-estar experimentado pelos participantes em seus respectivos relacionamentos de namoro. Utilizamos mais uma vez do diferencial semântico, sendo que desta vez selecionamos os adjetivos da escala a partir de outras escalas do diferencial semântico já utilizadas, bem como a partir da experiência do orientador com tal instrumento (Pereira, 1986). Para efeito deste estudo, utilizamos aqueles itens que diziam respeito à dimensão avaliativa, como indicadores do bem-estar e da felicidade no namoro, uma vez que, segundo Diener (e.g., 1984) o bem-estar subjetivo consiste em avaliações tanto cognitivas quanto afetivas seja da vida como um todo, seja de domínios específicos da vida, sendo essas avaliações majoritariamente positivas. Portanto, consideramos legítimo utilizar as respostas ao fator *Avaliação* do diferencial semântico como indicadores do bem-estar e da felicidade experimentados no namoro. Tais itens foram: agradável/desagradá-

⁴ Desta vez, participaram estudantes da UFRJ e da UERJ.

⁵ Só selecionamos as pessoas que estavam namorando a um mês ou mais, de acordo com o item do formulário em que os participantes deviam indicar a quanto tempo estavam namorando.

vel, satisfatório/insatisfatório, carinhoso/não-carinhoso, alegre/triste, legal/chato, bom/ruim, bonito/feio, gostoso/sem-graça, colorido/incolor, doce/amargo, magnífico/horrível, prazeroso/desprazeroso, interessante/desinteressante, feliz/infeliz e amoroso/não-amoroso⁶. A escala também possuía itens relativos a outras dimensões, mas estes não foram analisados para efeito deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das respostas às escalas do namorado atual e ideal pudemos, então, obter a discrepância entre o quanto uma característica descrevia apropriadamente o namorado atual e o quanto ela era considerada importante para descrever o namorado ideal. Assim, somando as discrepâncias ideal-atual relativas a cada item, obtivemos o índice de discrepância ideal-atual do participante. Como subtraímos, para cada atributo, o valor obtido na escala do namorado atual ao valor obtido na escala do namorado ideal, os índices positivos indicam que o namorado atual supera, em geral, o que se esperaria de um namorado ideal (o que consideramos grande consistência ideal-percepção), enquanto que um índice negativo denota que o namorado atual, em geral, está abaixo do que o participante considera ideal (baixa consistência ideal-percepção ou alta discrepância).

Com relação à escala de bem-estar no namoro, nosso índice foi obtido somando as respostas dadas aos itens que se inseriam no fator *Avaliação* do diferencial semântico, de tal modo que, quanto mais positivamente a relação era avaliada pelo participante, maior o valor do índice.

As médias para discrepância ideal-atual e avaliação afetiva do namoro atual são apresentadas na Tabela 4 (respectivamente, D e Afeto). Como podemos ver, em média, os namorados atuais se distanciaram ligeiramente dos namorados ideais (discrepância negativa, porém não muito exacerbada, uma vez que a amplitude de respostas do instrumento varia de -350 a +350) e os namoros foram avaliados positivamente.

TABELA 4

Média, desvio padrão e amplitude da discrepância ideal-atual (D) e da avaliação afetiva do namoro (Afeto)

	<i>N</i>	<i>Amplitude</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>
D	96	-162-199	-25,53	42,80
Afeto	102	25-84	73,32	10,40

⁶ Estes itens foram selecionados porque saturaram no fator I (Avaliação) não apenas em nossa pesquisa, mas também em outras do diferencial semântico (e.g., Osgood et al., 1975; Osgood et al., 1976; Pereira, 1986).

A partir dos índices obtidos foi calculada a correlação de Pearson entre os mesmos, a qual foi de 0,57 ($p < 0.01$). Esta correlação positiva significativa está de acordo com as teorias expostas inicialmente, permitindo-nos afirmar que de fato, também no meio brasileiro, quanto mais o namorado atual se aproxima de, ou até mesmo supera (discrepância positiva), o que se espera de um namorado ideal, mais felicidade se experimenta no namoro.

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria das discrepâncias múltiplas de Michalos (1980; 1985), como já foi notado anteriormente, tem recebido grande apoio das pesquisas empíricas. A investigação por nós realizada no meio brasileiro acrescenta evidência empírica a favor desta teoria no domínio dos relacionamentos íntimos. Com efeito, verificamos que o bem-estar experimentado em relacionamentos íntimos está relacionado com a discrepância entre o parceiro atual e o parceiro ideal: quanto menor a discrepância, maior o bem-estar. Convém notar, no entanto, que nós analisamos apenas um tipo de discrepância, enquanto a teoria prevê a influência de múltiplas discrepâncias. Pesquisas posteriores são necessárias para descobrir quais outros tipos de discrepâncias são relevantes neste domínio e mesmo para identificar aquelas que possuem maior poder de influência.

Finalmente, cabe salientar que nossos resultados, a princípio, se limitam a estudantes do sexo feminino e apresentam um caráter exploratório no meio brasileiro. A continuação desta pesquisa envolverá o emprego das escalas de diferencial semântico após terem sido feitas análises fatoriais comprobatórias das mesmas, o que só é possível abrangendo um número expressivamente maior de pessoas. Também será assegurada a proporcionalidade da amostra masculina com relação à amostra feminina, uma vez que consideramos extremamente relevante verificar as possíveis diferenças entre os sexos no que tange ao domínio estudado.

REFERÊNCIAS

- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Flechter, G. J. O., Thomas, G., Gilles, L. & Simpsom, J. A. (1999). Ideals in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 1, 72-89.
- Flechter, G. J. O., Simpsom, J. A. & Thomas, G. (2000). Ideals, perceptions and evaluations in early relationship development. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 933-940.
- Jacob, J. C. & Brinkerhoff, M. B. (1997). Values, performance and subjective well-being in the sustainability movement: an elaboration of multiple discrepancies theory. *Social Indicators Research*, 42, 171-204.

- Osgood, C. E., May, W. H. & Miron, M. S. (1975). *Cross-cultural findings of affective meaning*. Urbana: University of Illinois Press.
- Osgood, C. E., Suci, G. J. & Tannenbaum, P. H. (1976). *La medida del significado*. Madrid, Gredos.
- Pereira, C. A. A. (1986). *O diferencial semântico*. São Paulo: Ática.
- Rodrigues, A. (1972). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Ruvolo, A. P. & Veroff, J. (1997). For better or for worse: real-ideal discrepancies and marital well-being of newly-weds. *Journal of Social and Personal Relationship*, 14, 2, 223-242.
- Selltiz, C. et al. (1975). *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: EPU.
- Sternberg, R. J. & Barnes, M. L. (1985). Real and ideal others in romantic relationship: is for a crowd? *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 1586-1608.
- Schulz, W. (1995). Multiple-discrepancies theory versus resource theory. *Social Indicators Research*, 34, 153-169.

Recebido em: 29/03/2005. Aceito em 16/06/2005.

Autores:

Daniela Zanotti da Silva – Psicóloga. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Carlos Américo Alves Pereira – Psicólogo. Professor da Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ).